



**X Congresso Português de Sociologia**  
*Na era da "pós-verdade"? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo*  
**Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018**

**Área temática:**

**Arte, Cultura e Comunicação**

**Tatuagem: da margem à arte**

**PATRIOTA, Beatriz.** Universidade Federal de São Carlos; Centro de Educação e Ciências Humanas; Departamento de Sociologia; Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos; Brasil, [bia.patriota@ufscar.br](mailto:bia.patriota@ufscar.br)

#### **Resumo**

Desde a arte moderna, o modo de conceber a arte tem passado por diversas reconfigurações e, com a arte contemporânea: as fronteiras da arte se tornaram mais maleáveis. Neste contexto, o corpo aparece como suporte da arte e a tatuagem ganha espaço dentro do mundo da arte. Por outro lado, nas últimas décadas, a prática da tatuagem se insere em processos que contribuem para sua institucionalização e aceitação social, como sua comercialização, medicalização e higienização, regulamentação, profissionalização, estetização e artificação. O artigo objetiva compreender quais são os discursos e as estratégias dos/as tatuadores/as para que a prática se insira em um processo de artificação. A pesquisa é realizada em São Paulo, por a cidade concentrar eventos e instituições de tatuagem no Brasil, onde são realizadas observações participantes e entrevistas. A artificação da tatuagem é marcada por relações de poder, disputas de saber e hierarquizações.

Palavras-chave: Artificação. Tatuagem. Corpo. Poder

XAPS-86661

## **Introdução**

As definições de arte e de beleza são construídas historicamente, conforme sua inserção social, cultural e geográfica. Enquanto a beleza varia conforme gostos e parâmetros, a arte, definida a partir da estruturação de valores, assume novas formas com o passar do tempo. Desde a Arte Moderna, o modo de conceber a arte tem passado por diversas reconfigurações e, com a Arte Contemporânea, as fronteiras da arte se tornaram mais maleáveis. Neste contexto, o corpo aparece como suporte da arte e a tatuagem ganha espaço dentro do mundo da arte.

Por outro lado, nas últimas décadas, a prática da tatuagem se insere em processos que contribuem para sua institucionalização e aceitação social, como sua comercialização, medicalização e higienização, regulamentação, profissionalização, estetização e artificialização. São processos que envolvem a incorporação de discursos de saberes hegemônicos que permitem a relativa saída da tatuagem da marginalidade, quando essa é produzida no ambiente asséptico do estúdio, seguindo as normas estabelecidas, por um/a tatuador/a profissional e artista, que a vende como uma obra de arte, mas também como uma mercadoria.

Nesta pesquisa, interessa compreender quais são os discursos e as estratégias dos/as tatuadores/as para que a prática se insira em um processo de artificialização. A artificialização é o processo de transformação de objeto, prática ou instituição que não era visto como arte e passa a ter esse estatuto. Ela envolve as etapas de criação, produção, mediação e recepção. A pesquisa é realizada em São Paulo, por a cidade concentrar eventos e instituições de tatuagem no Brasil, onde são realizadas observações participantes e entrevistas.

A artificialização da tatuagem é marcada por relações de poder, disputas de saber e hierarquizações. Convenções, *workshops* e outros eventos se tornam espaços de compartilhamento de conhecido e de busca de legitimação da prática. Além disso, são lugares que os/as tatuadores/as podem estabelecer suas marcas e definir seus estilos, destacar-se. Cada vez mais, são cobrados/as conhecimentos técnicos e habilidades específicas para que o/a tatuador/a ganhe reconhecimento entre os pares e fora do campo da tatuagem.

As inovações em técnicas e tecnologias, que possibilitaram a melhoria da qualidade do desenho, o uso de termos que vem do campo da arte e a inserção da tatuagem em espaços institucionalizados da arte refletem concomitantemente no processo de

artificalização da tatuagem. Inserida no mercado, se torna uma mercadoria fetichizada quando a construção do valor artístico é efetivada. Nesse processo, tatuadores/as criam diferenças, como a definição de tatuagens comerciais, reprodução de desenhos, e artísticas, singulares e originais por meio de inspirações ou referências. Ademais, a divulgação por mídias, tradicionais ou sociais, contribui para a popularização e aceitação da prática.

### **Enquadramento teórico**

O significado da arte é socialmente construído e legitimado e é negociado a partir da construção de saberes por meio de relações de poder<sup>(1)</sup>. Na arte “estão presentes em ato os modos de pensar, viver, sentir de toda uma época, a interpretação da realidade, a atitude diante da vida, os ideais, as tradições, as esperanças e as lutas de um período histórico” (Pareyson, 1993, apud Eco, 2010, p.34).

Sua definição se realiza em um “movimento dialético contínuo que atravessa toda a história da arte e constitui a essência do fenômeno arte, capaz de influir na própria reflexão estética que se constrói sobre o fenômeno” (Eco, 2010, p.126). Assim, as definições são históricas e relacionam-se a valores culturais e sociais.

A arte assume novas formas com o surgimento de modos de operar o artístico que podem contradizer as definições passadas sobre arte e beleza. Apesar do movimento dialético de redefinição da arte e da impossibilidade de construir uma definição de arte que se enquadre no decorrer da história, contando os riscos de generalização e os problemas da historicidade, a exigência da definição do que é arte se faz presente desde uma ação incorporante, quando ocorre a incorporação de valores e contextos atuais. Nesse sentido, Shapiro e Heinich defendem que:

*A arte surge no decorrer do tempo como a soma total de atividades institucionais, interações cotidianas, implementações técnicas e atribuições de significado. A artificialização é um processo dinâmico de mudança social, por meio do qual surgem novos objetos e novas práticas e por meio do qual relações e instituições são transformadas. (Shapiro & Heinich, 2013, p.15)*

Segundo a perspectiva de Shapiro e Heinich, “não existe a ‘arte em si’, baseada em uma definição essencialista que nos permitiria descrever como os atores sociais vivenciam a ‘arte para si’, mas apenas concepções historicamente situadas, coletivamente aceitas e relativamente estabilizadas do que os atores sociais entendem da

palavra ‘arte’” (Shapiro & Heinich, 2013, p.28). A arte, então, é a soma de todas as operações possíveis de artificação. Há arte quando a artificação já ocorreu.

Ao tomar parte deste debate, problematizarei a forma como a tatuagem se insere no mundo artístico, desnaturalizando o processo que constrói a tatuagem como prática artística. Para Shapiro (2007), a arte não é somente constituída por objetos definidos por instituições e disciplinas consagradas, mas sim o resultado de determinados processos sociais envolvidos, datados e situados. Há uma multiplicidade de instâncias de reconhecimento e de regulação da arte. Shiner destaca que:

*Como um neologismo, o termo artificação é uma forma nominativa do verbo “artificar”, o que implica que a arte em questão é um tipo de qualidade ou característica, similar a beleza em embelezamento. Consequentemente, artificação sugere que a qualidade de “arte-cidade” pode ser aplicada ou administrada em algum objeto, ação, instituição ou situação. (Shiner, 2012, s/n <sup>(2)</sup>)*

Quando a artificação é encarada como transformação envolve um processo em que algum objeto, atividade ou organização, que não era normalmente classificada como arte, é afetado(a) pela arte ou começa a ter características artísticas ou usa o modo de pensar e agir da arte e propriedades da arte, vertente definida por Heinich e Shapiro:

*Chamamos de artificação um processo de transformação da não-arte para a arte. Nossas investigações descreveram a multiplicidade de dinâmicas que contribuem para essa transfiguração: uma combinação de operações técnicas, semânticas, jurídicas, temporais, espaciais, organizacionais, etc. que tornam a transição para a arte sustentada e coletivamente assumida; ele se institucionaliza. (Heinich & Shapiro, 2012, p.267 <sup>(3)</sup>)*

A artificação “resulta em uma mudança duradoura da fronteira entre arte e não-arte” (Heinich & Shapiro, 2012. p.20 <sup>(4)</sup>). Enquanto um processo de mudança, a artificação engloba o prático e o simbólico, em que a atribuição de significado, reconhecimento e legitimação é o resultado de transformações concretas.

A atribuição da categoria arte é cercada pelas transformações dos sujeitos, dos objetos e das representações. O processo é discursivo e concreto e requalifica as coisas: o objeto se transforma em arte; o produtor, em artista; a fabricação, em criação; e os observadores, em público. Isso resulta em mudanças concretas, como a mudança do conteúdo e da forma de uma atividade, a transformação das qualidades físicas das pessoas, a

reconstrução das coisas, a importação de novos objetos e a reestruturação dos dispositivos organizacionais.

Conforme Andrzejewski (2013), o contexto em que um objeto potencialmente artificializado é apresentado ou recebido deve referenciar o mundo da arte. A relação entre arte institucionalmente reconhecida e não arte é uma questão crucial em relação ao conceito de artificialização. Considerando a ontologia da arte, os processos de artificialização mostram que a determinação da obra de arte passa por processos sociais.

A arte aparece como um tipo de adjetivo, não um substantivo. Assim, Naukkarinen (2012) defende que quando se fala sobre artificialização, deve-se necessariamente ter alguma concepção de arte, já que ela não pode existir sem propriedades artísticas como ponto de referência. É um exercício conceitual e também um fenômeno institucional e prático.

Desde a análise dos discursos e das imagens para compreensão das representações dos sujeitos, Heinich (2002) foca nas formas de reconhecimento em que os sujeitos produzem qualificação e nas consequências para a produção artística, sobre a produção, a mediação e a recepção.

Heinich e Shapiro (2012) acreditam que estão ocorrendo os processos de deslocamento e relativização das fronteiras entre categorias artísticas, que tornam visíveis novas formas de arte. Há o alargamento das chamadas artes estabelecidas e o consubstanciar de novas formas de arte, quer nos espaços convencionais de criação e recepção, quer no espaço público e na sobreposição entre diversos lugares de criação, mediação e recepção artísticas. Novos objetos artísticos podem ser qualificados (identificação) e legitimados (avaliação).

Heinich (2002) enfatiza a questão de quais são os valores subjetivos dos atores em jogo na arte contemporânea e de que forma esses valores orientam suas ações e representações, conferindo valor artístico. Isso inclui o regime de singularidade e a legitimação da avaliação artística.

### **Metodologia**

Após a revisão da literatura foi definida uma metodologia da pesquisa qualitativa formada pelo uso combinado dos métodos: pesquisa documental (notícias de jornais, artigos da internet e de revistas especializadas, entre outros documentos); trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas.

O trabalho de campo inclui a observação participante. A partir de um mapeamento de quais as instituições <sup>(5)</sup> que estão discutindo a tatuagem como arte na capital paulista,

serão observados: convenções, *workshops*, eventos, estúdios e exposições em galerias. Em cada espaço, hierarquizações e normatividades são negociadas e refletem relações de poder.

Outro método utilizado é a entrevista a partir de um roteiro semiestruturado. Entrevisto tatuadores/as “famosos/as”, que se inserem na lógica de produção artística legitimada entre os pares, e tatuadores/as que não se enquadram no meio artístico, para entender quais as barreiras e os obstáculos enfrentados. Interessa perceber quais são os jogos de poder para que tatuadores/as e tatuagens se enquadram no processo de artificialização.

## **Resultados**

Retomando sua história, a tatuagem aparece em diferentes tempos e lugares, concebida de diversas formas. As marcas mais antigas foram encontradas no corpo de Otzi, o “homem de gelo”, há mais de cinco mil anos. Além dele, há outros corpos marcados encontrados pelo mundo que datam de milhares de anos atrás. A Grécia Clássica, segundo Le Breton (2004), marcava escravos recuperados e estrangeiros profanados, como símbolo de propriedade ou sinal de punição. A prática corporal enquanto estigma foi transmitida para os romanos pelos gregos.

Estabelecida como um símbolo punitivo ou de propriedade na Idade Antiga, a tatuagem continuou durante a Idade Média a marcar corpos como signo de servidão e perda de identidade, atuando como punição ao marcar e identificar criminosos e escravos. A visão pejorativa, que remete a tatuagem a barbárie e criminalidade, pesou na sua recepção social e alimentou um estereótipo negativo. Além disso, mantém-se a não diferenciação entre arte e técnica.

É no Renascimento, conforme Tavares (2003), que prenuncia a efetivação da separação entre obra e artefato, incluindo a pintura e a escultura nas artes liberais. Esta tendência se firmou entre o barroco e o neoclássico, consolidando-se com a constituição da estética como disciplina autônoma, no século XVIII, e resultando na separação do/a artista e do artífice.

A partir do século XV, os projetos colonialistas europeus na África, Ásia e América difundiram a tatuagem como uma prática primitiva que deveria ser colonizada. Na Ásia, exceto o Japão, e na Oceania, a tatuagem foi abandonada no século XVIII sob o efeito combinado de colonização, evangelização e mudanças sociais. Na América, as práticas foram extintas durante a colonização conforme as culturas foram sendo dizimadas.

No período colonial, a tatuagem era realizada em escravos, indígenas e marinheiros. Nos escravos assumia a forma de punição, a exemplo dos europeus. As dimensões humanas dos escravos foram ignoradas e eles eram alvos de violência, como meio de repressão, disciplina e controle. Os povos indígenas conservaram a prática, mantendo a diversidade de temas e motivos procedentes da multiplicidade cultural. Já os marinheiros, viajando pelos mares e em contato com seus pares americanos e europeus, assimilaram o costume ocidental, como descrito por Jeha (2011). Na pele de marinheiros e aventureiros, perdeu o aspecto cultural que cumpria em outras sociedades e ganhou novos sentidos.

Sobre a vida marítima, as memórias de James Cook, publicadas em 1769, de suas viagens às Ilhas dos Mares do Sul, na Polinésia Francesa, introduziu a palavra “tatau”, onomatopeia para referir-se ao barulho provocado pela batida do tatuador na pele na prática de inscrever uma tinta indelével na pele. Depois, a expressão originou o termo inglês “*tattoo*”.

Na Guerra Civil Americana, entre 1861 e 1865, uma das primeiras referências explícitas de tatuagem apareceu. Era uma prática aceitável entre soldados, principalmente as imagens políticas ou que definissem seu lado na guerra. Havia um sentimento de pertença pela prática, que afirmava dor, masculinidade e a vida militar ou marítima. Marinheiros, presos e soldados gravavam sinais que simbolizam a guerra ou a fé patriótica, submissão ao destino e motivos religiosos. A rua, o mar, o exército e a prisão eram os locais onde estava presente. O costume de tatuar se manteve às margens da sociedade. A tatuagem estava relacionada ao crime, ao castigo e ao estigma.

Já no início do século XIX, mais precisamente em 1804, um viajante nota a vontade de profissionalização de alguns/as tatuadores/as insulares em relação aos marinheiros, como descrito por Le Breton (2004). A tatuagem é rara entre as mulheres. As que se dispunham a tatuar eram transgressoras e se mantinham na margem. Normalmente, era mais comum quando havia o contato com soldados e marinheiros tatuados e marcavam dedicatórias amorosas.

Durante o final do século XIX, período de valorização da ciência, teses da medicina e da psicologia apresentavam a tatuagem como sinal de loucura ou criminalidade, em que cada desenho atuava como uma predisposição a desordens, que evidenciar-se-iam sob formas patológicas ou criminosas. A associação entre tatuagem e marginalidade foi institucionalizada pelos discursos científico, médico e jurídico, que descaracterizavam seus diferentes aspectos culturais e sociais.

No Brasil, a tatuagem foi recebida como um estigma desde sua chegada, no final do século XIX. Restrita a grupos marginalizados foi condenada pela sociedade e ligada à criminalidade, à prostituição e à sujeira. Conforme Jeha (2011), por um lado os marinheiros eram sujeitos detidos e obrigados a trabalhar e, por outro, a prisão de criminosos exercia a função de recrutamento. Esse cenário era caracterizado pela presença de mulatos e negros, além da militarização de alguns índios e escravos, que permaneciam nas atividades produtivas.

Ainda no final do século XIX, sujeitos tatuados apareceram como espetáculos de *sideshows* e *freakshows*, construindo uma imagem de corpo exótico. Expor a tatuagem como espetáculo reforçou sua marginalidade.

Em contraste, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a tatuagem começava a aparecer como objeto de moda e alcançava as classes média e alta. Seu delineado e estilo era crucial para enviar mensagens de classe e riqueza, enquanto as classes mais baixas baseavam-se em experiências e qualidades pessoais. No entanto, a moda caiu ainda no final do século XIX.

Em 1891, em Nova Iorque, o americano Samuel O'Reilly inventou a primeira máquina de tatuagem elétrica, chamada de *Tattaugraph*. A máquina elétrica possibilitou uma revolução em alguns aspectos, como: diminuição do tempo empregado; aumento das qualificações técnicas na aplicação da tatuagem; aperfeiçoamento do acabamento dos traços, contornos, brilho e coloração; necessidade de estar próximo a um ponto de corrente elétrica, de fixar-se; e sua entrada na era da reprodutibilidade. Esses fatos seriam um indício do início da artificialização da tatuagem, já que a prática adicionou novas preocupações e deixou de ser uma reprodução de desenhos na pele.

Ainda em 1891, em Londres, Sutherland MacDonald, conhecido pelos pares como o “Michelangelo da tatuagem”, produziu cartões de visita apresentando-se como “artista da tatuagem”. Nos anos seguintes, foram registradas novas patentes por diferentes tatuadores/as com melhorias e mudanças na máquina.

No campo da arte, o século XX é marcado por uma revolução no gosto do público artístico e dos/as artistas, despertada pelo mercado. Nos anos depois da Primeira Guerra Mundial, segundo Fisher (2002), a tatuagem foi associada à classe trabalhadora e a sujeitos que estavam à margem da sociedade. A invasão da publicidade consolidou o desejo por objetos de consumo e veiculou modos de vida, como destaca Prost e Vicent (2009), incluindo a inserção das tatuagens em desenhos e propagandas.



Durante as guerras mundiais, a prática continuou a ser vista com desconfiança, enquanto meio de identificação. A marca corporal se torna um instrumento de disciplina, ao focar na identificação, controle e codificação do sujeito.

Na Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, a tatuagem se tornou um instrumento nazista de negação da humanidade por meio de medidas discriminatórias. Além de marginalizar os judeus por meio das tatuagens, transgrediam uma lei religiosa e ofendiam e insultavam a dignidade judaica, como descrito por Ramos (2006).

Em outro sentido, nos anos 1960, nos Estados Unidos, a tatuagem passou a ser apropriada e praticada por outras culturas, como *punks* e *hippies*. As práticas artísticas e os discursos sobre a arte voltaram-se novamente para o corpo. O corpo se tornou um espaço de “reterritorização”. É o tempo da contracultura, da revolução sexual, do ideal de sociedade alternativa, além da invasão de elementos fetichistas na moda de forma clara e aberta. Somando, movimentos sociais, como as feministas e os movimentos por igualdades raciais, possibilitaram o estabelecimento de outras representações sobre o corpo.

Ao mesmo tempo, a década de 1960 borrou a diferença entre obras de arte e outros objetos criados pelo homem com a arte contemporânea e o corpo ganhou visibilidade, reflexo da estetização da vida cotidiana, da *body art* e da *body modification*, enquanto movimentos estéticos que focam no corpo como suporte da arte, e das preocupações biopolíticas modernas.

Em 1976, ocorreu a primeira convenção internacional de tatuagem, no Texas, Estados Unidos. Em seguida, as convenções se espalharam pelo mundo. As convenções permitiram as trocas entre artistas de todo o mundo, a compra de produtos específicos e a divulgação de inovações técnicas e materiais. Além disso, participar de uma grande convenção é a oportunidade de divulgar um trabalho, além de ser uma forma de legitimar a tatuagem como arte para tatuados/as, tatuadores/as e sujeitos que não estão inseridos no meio. A década de 1980 marca o início de uma nova fase para a tatuagem, com sua consolidação no mercado por meio dos estúdios, os avanços técnicos e tecnológicos, a regulamentação da prática.

No Brasil, a tatuagem foi absorvida mais tardiamente e de forma mais prolongada por suas condições políticas, econômicas e sociais. A máquina elétrica de tatuagem e os pigmentos coloridos chegaram oficialmente no início dos anos 1960, juntamente com o Lucky. A Ditadura Militar, entre 1964 e 1985, sufocou e censurou diversas

manifestações sociais e culturais por mais de duas décadas. Nesse período, a repressão e a censura eram regras e os direitos políticos foram cassados.

Enquanto a propagação de modificações corporais na Europa e nos Estados Unidos se intensificou em 1970 e 1980, no Brasil ocorreu nos anos 1980 e 1990 e de modo mais prolongado, pela dificuldade de acesso às técnicas e aos materiais, quando a tatuagem deixa de ser marginalizada e começa a ser aceita e regulamentada.

O processo de desmarginalização (Souza, 2015) começa nos anos de 1980 com a adesão da classe média, a profissionalização do/a tatuador/a, a criação de lojas com ambientes limpos e aparelhos descartáveis e esterilizados e a posterior elevação ao status de arte à tatuagem e de artista ao/à tatuador/a. A tatuagem deixa a marginalidade em sentido ao mercado e à arte. O estigma relacionado à prática começa a se desfazer.

A partir do momento em que classes médias passaram a se tatuar, seu significado desviante perdeu força. A popularização da tatuagem é resultado de uma obsessão cultural e fixação pelo corpo. Ao mesmo tempo, o punk entra para o mercado e é transformado em estilo. Além disso, nos Estados Unidos, há uma banalização progressiva das modificações corporais, principalmente da tatuagem e do piercing. Sua difusão social elimina, parcialmente, a ideia de transgressão. De dissidência, torna-se afirmação de si.

A emergência de novas tecnologias e técnicas, o interesse por inovações e a circulação de práticas entre artistas pelo mundo possibilitou um processo de artificação. A legitimação da tatuagem é reflexo da reivindicação e valorização por parte dos/as praticantes e tatuadores/as. O termo tatuagem artística emerge depois do “Renascimento da Tatuagem” (1960-1980), na década de 1990, nos Estados Unidos, conforme Kosut (2013).

A possibilidade de pensar a tatuagem como arte começou a emergir com a diferenciação entre tatuagens comerciais e artísticas. As tatuagens artísticas podem ser analisadas e valorizadas dentro de padrões de criatividade, inovação e exclusividade, enquanto projetos novos e originais, que permitem mudar o sentido simbólico da tatuagem. Enquanto as tatuagens comerciais se referem a desenhos prontos, cópias sem uma criação artística envolvida.

Ademais, algumas exposições na década de 1990 contemplam a tatuagem como uma figura artística e, a partir de um foco antropológico, como uma forma de comunicação. O final do século XX, conforme Eco (2010), é marcado pela arte pela arte, em que a beleza aparece como valor superior que tem que se materializar a todo custo e a arte se

separa da moral e das exigências práticas. A partir desse momento, a própria vida será vivida como uma obra de arte e, simultaneamente, a arte se converte em um modelo de vida. A arte se aplica a vida e a vida passa a ser arte.

A década de 1990 é o período de consolidação dos primeiros estúdios em São Paulo, equipados com os aparelhos modernos, incluindo os instrumentos específicos e os materiais descartáveis. Esse cenário tinha o intuito de criar uma imagem de profissionalismo, de qualidade artística e de procedimentos higiênicos, reflexo das mudanças ocorridas.

Em São Paulo, a Galeria Ouro Fino e a Galeria do Rock foram os espaços de maior divulgação de modificações corporais. Para Soares (2011), no final da década, houve uma apropriação da classe média brasileira seguida pelo consumo da prática por classes mais baixas e periféricas. Além disso, nos anos 1989, 1990 e 1991, foi realizado o Encontro de tatuadores do Brasil, primeira convenção brasileira, contribuindo para a troca de conhecimentos e informações entre os/as tatuadores/as.

Deste modo, os anos 2000 marcam o início de sua popularização. Inserida na classe média, assumiu funções estética e identitária. Há mudanças no/a tatuado/a, que atinge diferentes posições sociais, no perfil do/a tatuador/a, que deixa de ser amador em favor de um ideal de profissionalismo, e no caráter da tatuagem, distanciando-se do estigma e aproximando-se da arte. Esse movimento de desmarginalização (Souza, 2015) ocorreu primeiramente nas grandes cidades, em razão da estrutura física, do movimento populacional e do movimento social, cultural e político.

Mudanças técnicas e tecnológicas, como o uso de máquinas elétricas, de agulhas e de pigmentos próprios, contribuíram para a popularização da prática. A máquina de tatuar elétrica, a disponibilidade de materiais descartáveis ou esterilizáveis, o estabelecimento dos estúdios com todos os equipamentos específicos, o melhoramento das técnicas envolvidas, as novas formas de concepção do corpo (como objeto de transformação) e da tatuagem (como uma opção estética) e o acesso aos desenhos favoreceram a entrada da tatuagem na arte, além da difusão das marcas corporais em diversos segmentos sociais, ao torná-la menos dolorosa e mais segura. Esse período é marcado por sua inserção interseccionada nos processos de:

*Profissionalização, com a criação de uma máquina elétrica mais precisa; comercialização e mercantilização, com o estabelecimento dos estúdios e das lojas; higienização (Costa, 2007) e medicalização (Braz, 2006), em que a*

*preocupação com assepsia se tornou parte do processo; regulamentação e normatização do campo; e artificação (Shapiro, 2007) da prática, que passou a ser concebida como uma forma de arte. (Patriota, 2016, p.142).*

Inserida nesses processos, a tatuagem se populariza e ganha adesão entre diferentes posições sociais, sendo elas: classe, raça, gênero e geração. Novas instituições contribuem para que isso aconteça. Desde 2010, ocorre anualmente a Tattoo Week, uma das maiores convenções do mundo. As regiões da Galeria do Rock, da Vila Mariana e os arredores da rua Augusta se tornaram pontos tradicionais para estúdios de tatuagem, que são vendidas como *cool*. A cada ano, o número de tatuadores/as e estúdios crescem exponencialmente.

Conforme Heinich (2005), a fronteira que define quem é artista se encontra entre as atividades de arte e ofícios de arte e a categorização dos sujeitos entre profissionais e amadores. Ao mesmo tempo, Shapiro (2007) observa o aumento das profissões artísticas nas últimas décadas, junto com o crescimento de práticas amadoras. O número de artistas reconhecidos continua crescendo, em que “membros de grupos dominados e marginalizados ascendem, por via da arte, a uma nova dignidade social” (Shapiro, 2007, p.139). É o caso da tatuagem.

A legitimação social da tatuagem é associada à legitimação da profissão do/a tatuador/a e ao reconhecimento da tatuagem como potencial meio de expressão artística. O profissional se diferencia do amador por seus conhecimentos técnicos e artísticos, de natureza sanitária e clínica. O campo da tatuagem é uma ocupação que reivindica o *status* de profissão.

Segundo Freidson (1996), as profissões se distinguem das ocupações por sua posição superior nas classificações da força de trabalho. No trabalho profissional, o treinamento vocacional ganha importância estratégica distinguindo o trabalho qualificado do não-qualificado. A profissão de artista surge assente em valores como a vocação, a inspiração, o talento inato, o dom artístico, o espírito de sacrifício e o desprendimento material. Na última década, os/as tatuadores/as e sujeitos do meio estão reivindicando a regulamentação da profissão. No processo de profissionalização, se estabelece uma relação entre concorrência, reputação e reconhecimento dos/as tatuadores/as. Sendo o sistema de aprendizagem uma das estratégias informais para limitar a entrada no campo.

O estabelecimento de estúdios e lojas de tatuagem fez com que a tatuagem se enquadrasse no mercado, fortalecendo o processo de comercialização. O aumento

crecente de lojas e estúdios de tatuagem possibilitou o alargamento das ofertas de modificações corporais. Utilizar o termo cliente para o/a adepto/a da tatuagem é um dos sinais de sua comercialização.

Segundo Lima (2004), arte e mercado baseiam-se em valores de natureza diversa. O valor simbólico da arte corresponderia ao valor simbólico da fetichização da mercadoria, seu caráter misterioso, aumentando seu valor mercantil. No capitalismo, as obras de arte foram reduzidas à condição de mercadoria.

Assim, a artificação da tatuagem envolve questões de mercado, como todo processo artístico. Uma mercadoria que seja qualificada como arte ganha valor agregado e seu preço é elevado. A tatuagem, enquanto objeto de arte, vale muito mais do que uma tatuagem não fetichizada. Cria-se um cenário de fetiche, que faz com que sujeitos, que podem pagar, paguem mais por ela. Essa agregação de valor pode multiplicar o valor cobrado pela tatuagem.

Simultaneamente, a tatuagem passa pelos processos de medicalização e higienização. Com o surgimento da AIDS e sua posterior epidemia, nos anos 1980, ocorrem mudanças sociais que despertam novos comportamentos com ênfase epidemiológica na saúde pública e nos discursos sobre a sexualidade. Os discursos de higienização (Costa, 2004) e medicalização (Braz, 2006) associados às práticas de modificação corporal podem ser uma forma de legitimação, com a associação de saberes médicos e profissionais para maior visibilidade das práticas e para busca de um espaço institucionalizado e da saída da marginalidade. A preocupação com biossegurança se materializa na higiene, nos materiais esterilizáveis, descartáveis e antialérgicos e na medicação das cicatrizes.

Consoante ocorreram diversos movimentos de institucionalização e normatização da prática, afirmando uma tendência ao crescimento de normas e convenções para atuação dentro do campo da tatuagem. Para se tornar um/a tatuador/a e abrir um estúdio, normas e regulamentações são impostas, além de requerimentos de ordem jurídica, comercial e sanitária para obtenção de licenças. Órgãos estatais devem certificar que o local e os materiais estão dentro das normas estabelecidas, como o uso de produtos e equipamentos produzidos especificamente para a tatuagem.

Nas últimas décadas, as tatuagens foram relacionadas com o mundo da arte de diversas formas. Revistas específicas reportam tatuagem como objeto de arte, avançando a ideia de que o corpo é um suporte artístico. Em adição, o campo da tatuagem abraçou um discurso similar com nomenclaturas de artista para o/a tatuador/a e estúdio de tatuagem. E uma das relações de tatuagens mais significativas para o mundo da arte é o

fluxo de artistas treinados entrando na profissão, como aponta Kosut (2006). Como resultado, os discursos e técnicas adquiridas em programas de arte influenciaram a criação de novos estilos de tatuagem, fazendo com que as práticas e convenções do mundo das artes inspirassem a tatuagem. Instituições e sujeitos são acionados no processo de legitimação e reconhecimento da tatuagem enquanto arte.

Inserida em padrões estéticos, artísticos e higiênicos estabelecidos, a tatuagem é associada a estereótipos e conotações cada vez mais positivos. Dentro desse contexto, a tatuagem deixou de ser uma prática exclusiva da marginalidade e começou a inserir-se em novos contextos sociais, ganhando outros significados.

Souza (2015) defende o uso do termo desmarginalização, em vez de popularização ou aceitação, entendendo como um processo de residência de tatuados/as que lutaram contra os estigmas sociais. Inicialmente, a tatuagem era rejeitada por ser um processo informal, artesanal e insalubre, produzida ao ar livre em locais públicos e ou em locais improvisados. Ao passar o tempo, o/a tatuador/a se tornou profissional e artista; e a prática ganhou aparência clínica, materiais esterilizados e descartáveis, preocupações com a qualidade artística da própria tatuagem, atraindo um público que antes rejeitara a tatuagem.

Pensando as especificidades históricas e geográficas da tatuagem, é notável que esses processos não ocorreram de forma homogênea ou linear, mas se consolidaram entre descontinuidades e de distintas formas. Todos os usos da tatuagem na história revelam que há jogos de relações de forças, redes de saberes e um discurso científico que produz uma verdade. Deste modo, aos poucos, o campo da tatuagem se apropriou de saberes hegemônicos, de discursos médico, científico, jurídico e artístico.

O discurso sobre a tatuagem enquanto uma forma de arte está se fortalecendo. É uma forma de saber que afirma que o corpo é uma tela, suporte de uma arte, e as tatuagens são obras de arte expostas no corpo. A própria apropriação dessas terminologias já é um sinal do processo de artificação. É uma estratégia por parte dos/as tatuadores/as que contribui para a legitimação da tatuagem e para desvinculá-la de estereótipos negativos, criando novas formas de pensar o corpo, a arte e a própria tatuagem.

Definir a tatuagem como arte envolve relações de poder, enquanto uma produção de saber, a partir do momento em que diversos saberes são institucionalizados no processo de artificação da prática. As práticas discursivas dos/as tatuadores/as são caracterizadas pela disputa pelo saber e pelo poder de delimitar, nomear e definir o que é arte, uma

forma de saber. O limite do reconhecimento não é a tatuagem em si, mas sim a forma como os poderes entre os sujeitos são negociados e como suas posições são acionadas.

A figura do/a artista na tatuagem é uma construção histórica, cultural e social. Ferreira (2008) acredita que as competências estética, de ordem técnico-expressiva e de ordem sanitária, comunicacional e empresarial são as bases de reconhecimento de um/a artista, que implica a avaliação da qualidade da tatuagem e envolve o saber de conhecimentos específicos e de natureza clínica e sanitária. Além disso, seu reconhecimento depende das qualidades da pessoa e da obra, em que o mercado assume um papel central nos critérios de sucesso.

Com o intuito de afastar-se das representações negativas associadas à figura do/a tatuador/a, eles/as tendem a reivindicar o estatuto de artista e apresentar seu trabalho como obra de arte.

Saberes e hierarquizações marcam a artificação da tatuagem. Para ser reconhecido/a como artista, o/a tatuador/a realiza certas estratégias. Uma das estratégias na artificação é criar um estilo de tatuagem que dê singularidade e visibilidade ao/a tatuador/a, em que a exclusividade, a inovação e a capacidade criadora são valorizadas enquanto forma autoral. Para Kosut (2006), a tatuagem passa por um processo de redefinição ancorado na noção de autenticidade.

Assim, aparece um discurso de valorização da singularidade. Para Heinich (2005, 2014), o regime de singularidade é entendido como uma qualificação que privilegia a unicidade, a originalidade e até a anormalidade, enquanto condição de majestade da arte. A singularidade exigida do/a artista moderno é feita de personalização e excentricidade, em que a irregularidade e o caráter inovador são a regra. Shapiro (2007) também relata a tendência de valorização da singularidade e autenticidade.

Segundo Heinich (2005, 2014), a singularidade exige personalização e excentricidade. Nas artes modernas e contemporânea, originalidade, inovação e unicidade representam importantes critérios de valor, característica do regime de singularidade. A irregularidade é a regra e o/a artista que cria trabalhos originais e únicos é valorizado.

A valorização artística e o alcance do estatuto de artista dependem de inovação, imaginação, singularidade e criatividade. Consoante, Kosut (2013) atenta para a estratégia de tatuadores/as que procuram criar desenhos que sejam objetos de arte únicos, remetendo-se à tradição artística. Deste modo, podem diferenciar uma tatuagem artística

por sua estética. A originalidade dos desenhos tatuados, no sentido da sua personalização, é um dos valores almejados.

Ora, a definição mais difundida de arte pressupõe criatividade e originalidade. Seguindo essa determinação, o caráter artístico que qualifica a tatuagem requer originalidade e inovação. Há uma tentativa de apresentá-la “como meio de expressão estética potencialmente inovadora, produtora de desenhos originais e criativos, e não apenas como reprodutora de exemplares iconográficos previamente instituídos, de valor estético limitado” (Ferreira, 2006, p.546).

A personalização expressiva define um estilo pessoal, conforme Ferreira (2006). Nos anos 1950, uma revista de arte discutia a contraposição entre estilo, que significa escola e corrente de gosto, e estilo, no sentido de modo pessoal, conforme Eco (2010). Os estilos pessoais se enquadram nos estilos de tatuagem gerais, como na arte. O/a tatuador/a almeja ser procurado por um estilo específico e, dentro desse estilo, manter o seu diferencial.

Ademais, são criados diversos saberes em torno da prática de tatuar. A arte de tatuar pressupõe aperfeiçoar, treinar e desenhar. Há outras competências técnicas, como a estética em si, a definição de contornos e sombreados, a saturação e o brilho das cores, a anatomia do corpo e a adequação do desenho, conforme suas dimensões e características. A regulação da máquina, a preparação das agulhas, o modo de fazer o decalque e a maneira de segurar a máquina também são técnicas essenciais para se chegar a um padrão de qualidade da tatuagem.

Dominar o desenho é o primeiro passo para legitimar quem almeja ser tatuador/a, enquanto marca de distinção e classificação de tatuadores/as. Mesmo assim, saber desenhar e tatuar tem grandes diferenças. São duas disciplinas distintas que requerem aprendizagens separadas. Na arte, “a habilidade do artista com a tinta, o vigor de suas pinceladas ou a sutileza de seu toque eram valorizados” (Gombrich, 2013, p.469). Ao/à tatuador/a é solicitado/a que tenha *mão firme* e domine as técnicas do desenho. O traço deve ser preciso, sem deformações, tremidas ou instabilidades. Os pigmentos devem ser injetados na pele, acertando a camada da derme, por meio da pressão do/a tatuador/a. Ele/a também tem que calcular que cor ou mistura de cor deve fazer para alcançar o efeito desejado.

Até a postura ao tatuar é uma estratégia dos/as tatuadores/as para a tatuagem ser artificializada. As competências de ordem sanitária também são levadas em conta. Junto com isso, as práticas administrativas, empresariais e comunicacionais são parte da construção



da figura do/a artista e, principalmente, da construção de uma marca, que legitimará aquele/a tatuador/a como artista e como alguém reconhecido/a no campo. As formas de administrar o estúdio, de atender o/a cliente e de realizar o marketing do/a tatuador/a e da marca são fundamentais para alcançar o estatuto de artista.

Além da grande procura, o trabalho do/a bom/boa tatuador/a tem um valor no mercado. Quanto mais o/a tatuador/a se estabelece como artista e como marca, mais caro é seu trabalho. Cria-se uma relação para os/as tatuadores/as em que a tatuagem é valorizada em proporção ao seu valor artístico, diferenciando-a de outras tatuagens que não atingiram o estatuto de obra de arte.

Alguns/as tatuadores/as se apropriaram de discursos e técnicas da arte. Em seus discursos, aparecem as expressões: peça, tela e obra, comuns na arte, tendências e em alta, que surgem da moda. As nomenclaturas ateliê ou estúdio de tatuagem e artista da tatuagem são uma forma de reivindicar o estatuto de arte por parte dos tatuadores. O termo tatuador/a artista surge para designar uma atividade econômica que traz a marca da ambição estética. Outra estratégia dos/as tatuadores/as é criar títulos para seus trabalhos. O título define que aquilo é mais do que uma tatuagem, é uma obra de arte, raciocinada por meio de nome criado para ela.

As fotos de tatuagens publicadas ou expostas ganham um sentido artístico quando o enquadramento cria uma sensação de “descorporificação”, em que o desenho aparece descolado do corpo e, em alguns casos, não é possível identificar qual parte do corpo foi tatuada. Foca-se especificamente na tatuagem em si. É um processo que “descorporifica” o sujeito tatuado, privilegiando somente a imagem tatuada.

A partir de diversas estratégias, como as mencionadas, os/as tatuadores/as estão se distanciando da bagagem negativa histórica e cultural e se aproximando das convenções acadêmicas e dos padrões mundiais da arte. Regras ou elementos da arte são adotados, como a linha, a forma, o espaço, o valor (claro e escuro), a cor e a textura. Valores são incorporados, como originalidade e singularidade, e a tatuagem se insere em um contexto estético e artístico.

A rotulação pelos/as tatuadores/as como “comerciais” e “artísticas” é uma das disputas por saber em que eles/as objetivam, ao hierarquizar e criar diferenças, ter reconhecimento como artista e ser capaz de fazer obras singulares, “reivindicando que a prática seja vista como arte” e definindo o que é arte. Isso marca a diferença entre inspiração, referência e reprodução.

Em sua análise sobre a década de 1950, Gombrich (2013) acredita que “permanece uma grave cisão entre o que se chama de arte “aplicada” ou “comercial”, que nos cerca em nosso dia a dia, e a arte “pura” das exposições e galerias, que tantos de nós tem dificuldade para compreender” (Gombrich, 2013, p.462).

O campo da tatuagem se apropria desse discurso da arte ao separar entre tatuagens comerciais e artísticas. Criando uma ideia de construção do valor artístico. Valoriza-se aqui a singularidade e a originalidade do desenho. É uma forma de “enobrecer” e institucionalizar a tatuagem como uma arte.

A prática da tatuagem apropria-se do corpo como suporte da arte a partir de sua função ornamental e decorativa. Há uma naturalização da concepção de que a tatuagem é arte no campo da *body modification*. O corpo, para os/as tatuadores/as, é comparado a uma tela e a tatuagem, à obra de arte. Para Kosut (2006), tatuagens são colecionadas por praticantes como uma arte em seus corpos, e Echeverry (2015) complementa: “tatuarse é o equivalente moderno a comprar uma obra de arte” (Echeverry, 2015, p.64<sup>(6)</sup>). A arte é corporificada, está na pele, nos dentes, nos olhos; em diferentes suportes corporais

A tatuagem como fator estético se enquadra na estética da existência, quando o sujeito se constrói como uma obra de arte, e como uma tecnologia do eu, que possibilita um processo de subjetivação. O corpo, segundo Ferreira (2006), é reivindicado como suporte de criação e intervenção artística, espaço disponível a marcas esteticamente relevantes e socialmente singularizantes.

## **Conclusões**

A noção de tatuagem como arte redefiniu os discursos institucionais. A prática passou por um processo de reinscrição cultural depois de ser vista como uma prática marginalizada e ignorada. Os novos significados da tatuagem estão sendo gerados por exposições que redefinem a tatuagem como arte, conforme Kosut (2006). Ela foi redesenhada como esteticamente legitimada. Surgem regras institucionalizadas, procedimentos e o desenvolvimento de um conjunto de princípios estéticos. Kosut (2006), então, atenta para como mudanças discursivas e estruturais afetam a categorização de tatuagem e arte e os objetos que eles produzem, ao lado de mudanças em concepções de arte. Isso permitiria a recente elevação do status da tatuagem para uma forma de arte.

O caráter estigmatizante da tatuagem e o estereotipo negativo ligado à prática vem perdendo espaço. Neste processo, os discursos de legitimação da tatuagem foram

construídos a partir da associação da prática aos campos da arte, do comércio e médico, por meio da higienização e medicalização. Inserida no contexto institucionalizado, a tatuagem ganha legitimidade enquanto arte e se distancia da marginalidade.

Mas nem tudo são flores. Parte da tatuagem permanece ancorada em sua histórica marginalidade, quando realizada em condições fora dos padrões estabelecidos atualmente, reafirmando a natureza estratificadora do processo de artificialização. Nem toda tatuagem é reconhecida como artística dentro do circuito de produção, mesmo que os/as tatuadores/as tendem a se reconhecerem como artistas. Os/as tatuadores/as que se alinham propositadamente com as práticas do mundo da arte, podem ganhar legitimidade, respeito e recompensa financeira. Mas, quando o campo se torna artificializado, há exclusão. A modificação corporal não é necessariamente uma manifestação artística, como nos lembra Soares (2011).

A prática ainda não é totalmente artificializada, sendo somente em certas condições. “A tatuagem, por mais difusa e popularizada que esteja em nossa atual conjuntura, ainda é um tipo de modificação corporal que possui um limite quanto ao estilo, à quantidade e localização, características estas que acabam por enquadrar a um modelo aceitável de tatuagens” (Dias, 2014, p.49).

Enquanto alguns tatuadores/as tentam enobrecer a tatuagem como arte, fatores a impedem de consolidar um processo completo de artificialização, como: o livre acesso a materiais, que possibilita qualquer um a ser tatuador/a; a não regulamentação sobre a fabricação e venda de materiais, que permite até a fabricação caseira da máquina; o acesso a cursos que ensinam a tatuar; promessa de dinheiro fácil; teorias científicas modernas que marginalizam a prática por meio de estudos discriminatórios e de exclusão; e casos de tortura que envolvem a tatuagem.

Esses fatores obstam um movimento uniforme no campo da tatuagem em favor da arte. Há uma multiplicidade de formas de conceber a tatuagem. Nem todos querem ou podem fazer arte. Para além disso, as motivações podem ser financeiras ou pessoais. É possível encontrar todo tipo de material e de trabalho. Todos podem tatuar ou conseguir uma tatuagem. Não há um limite regulatório.

A expansão do mercado de tatuagens trouxe consequências dos dois lados: de um lado, contribui para a popularização e a aceitação da prática, sendo um dos fatores de sua artificialização; por outro, quando esbarra em um crescimento desacelerado e sem limite, em que o campo da tatuagem se abre para todos que comprem uma máquina, acaba por se tornar um limitador de sua artificialização e fortalece a ideia de que é uma atividade laboral

sem necessidade de formação ou especialização técnica. Assim, há condições que definem quando a tatuagem é artificada, ou seja, quando ela se torna arte e deixar de ser margem.

## Notas

(1) A definição do que é arte e quais tatuagens são consideradas artísticas não está em discussão, mas sim quais são os discursos acionados na produção do que os/as tatuadores/as chamam de arte.

(2) As a neologism, the term “artification” is a nominative form of the verb “to artify” which implies that the “art” in question is a kind of quality or characteristic, similar to the “beauty” in beautification. Consequently, “artification” suggests that the quality of “art-ness,” can be applied to or infused into some object, action, institution or situation. (Shiner, 2011; s/n. Tradução livre).

(3) Nous désignons par artification un processus de transformation du non-art en art. Nos enquêtes ont décrit la multiplicité des dynamiques qui contribuent à cette transfiguration: une combinaison d’operations techniques, sémantiques, juridiques, temporelles, spatiales, organisationnelles, etc. qui font que le passage à l’art est durable et collectivement assumé; il s’institutionnalise. (Heinich & Shapiro, 2012, p.267. Tradução livre).

(4) Entraîne un déplacement durable de la frontière entre art et non-art. (Heinich & Shapiro, 2012, p.20. Tradução livre).

(5) Algumas instituições contribuem para a propagação da associação da tatuagem com a arte como: museus e galerias, meios de comunicação padrão (jornais, revistas e programas de tv, como *reality shows*), mídias digitais (blogs, sites e mídias sociais) e alguns eventos (convenções, *workshops*, feiras e exposições). “São espaços onde os saberes dos tatuadores são socialmente reconhecidos e artisticamente legitimados pelos pares e onde esses saberes têm oportunidade de se articular em discursos” (Patriota, 2016, p.37), em que “a comunicação entre tatuadores e a reciprocidade que gera é determinante para a melhora qualitativa da obra e da própria fama” (Echeverry, 2015, p.47. Tradução livre).

(6) “Tatuarse es el equivalente moderno a comprar una obra de arte” (Echeverry, 2015, p.64. Tradução livre).

Nota final: Por decisão pessoal, a autora do texto escreve segundo a norma ortográfica brasileira.

## Referências

Andrzejewski, Adam. Artification and the Ontology of Art. In: Proceedings of the European Society for Aesthetics, 2013.

Braz, C. A. (2006). *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Campinas, Unicamp).

- Costa, Z. (2004). *Do porão ao estúdio: trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis, UFSC)
- Dias, T. M. de O. (2014). *Tinta e dor: a prática da tatuagem na construção da identidade*. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Humanas. Mossoró, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte).
- Echeverry, F. A. M. (2015). *Sobre la artisticidad del tatuaje: teoría, estética y artista del tatuaje. De la artesanía al arte.?* (Dissertação de Mestrado Investigación en Humanidades. Universidad de Girona).
- Eco, U. (2010). *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record.
- Ferreira, V. S. (2006). *Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body modification em contextos juvenis*. (Tese de doutorado. Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa).
- Ferreira, V. S. (2008). Os ofícios de marcar o corpo: a realização profissional de um projeto identitário. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, 71-108.
- Fisher, J. A. (2002). *Tattooing the body, marking culture*. Londres: Sage Publications.
- Freidson, E. (1996). Para uma análise comparada das profissões. A institucionalização do discurso e do conhecimento formais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31, 141-155.
- Gombrich, E. H. (2013). *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC.
- Jeha, S. C. (2011). *A galera heterogênea: Naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial do Brasil, c.1822-c.1854*. (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, PUC-Rio).
- Kosut, M. (2013). The artification of Tattoo: transformations within a cultural field. *Cultural Sociology*, 8 (2), 142-158.

- Kosut, M. (2006). Mad artists and tattooed perverts: deviant discourse and the social construction of cultural categories. *Deviant Behavior*, 27, 73-95.
- Le Breton, D. (2004). *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis.
- Lima, L. C. (2004). A autonomia da arte e o mercado. *ARS (São Paulo)*, 2 (3), 102-116.
- Heinich, N. (2002). *Sociología del Arte*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Heinich, N. (2005). As reconfigurações do estatuto de artista na época moderna e contemporânea. *Revista Porto Arte*, 13 (22), 137-147.
- Heinich, N. (2014). Práticas da arte contemporânea: uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. *Sociologia & Antropologia*, 4. (2), 373 – 390.
- Heinich, N., Shapiro, R. (2012). *De l’artification. Enquêtes sur le passage à l’art*. Paris: EHESS.
- Naukkarinen, O. (2012). Variation in artification. *Contemporary aesthetics*, 4. Disponível em [https://digitalcommons.risd.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1189&context=liberalarts\\_contempaesthetics](https://digitalcommons.risd.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1189&context=liberalarts_contempaesthetics)
- Patriota, B. (2016). *O mais profundo é a pele: processos de construção de identidade por meio da tatuagem*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Carlos, UFSCar).
- Prost, A., Vicent, G. (2009). *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ramos, C. M, A. (2006). *As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano?* São Paulo: Perspectivas.
- Shapiro, R. (2007). Que é artificação? *Revista Sociedade e Estado*, 22 (1), 131-151 .
- Shapiro, R., Heinich, N. (2013). *Revista Sociedade e Estado*, 28 (1), 14-28.

- Shiner, L. (2012). Artification, Fine Art, and the Myth of "the Artist", *Contemporary aesthetics*, 4. Disponível em <http://www.contempaesthetics.org/newvolume/pages/article.php?articleID=642>.
- Soares, T. R. (2011). *A modificação corporal no Brasil: 1980 - 1990*. (Dissertação de Mestrado. Osasco, Centro Universitário FIEO).
- Souza, F. L. G. (2015). Da margem à moda: o fenômeno da desmarginalização da tatuagem - um olhar a partir da prática contemporânea da tatuagem na cidade de Três Lagoas / MG. *Revista Trilhas da História*, 5 (9), 126-141.
- Tavares, M. (2003). Fundamentos estéticos da arte aberta à recepção. *ARS (São Paulo)*, 1 (2), 31- 4.